

Tomando a psicanálise (Laplanche, Bleichmar, Mezan, Mjolla, Kaës, Winnicott) como instrumento, um "estilo instruído de pesquisa" (Peter Gay), a autora se depara com essa peça fundamental do dispositivo educacional que é o mestre e sua paixão de formar, que faz dele *sedutor e mestre-cuca*. Identidade do professor que a tese adaptativa ofusca e, com ela, todo o potencial da *arte de educar* que os gregos souberam explorar com sua *paideia*. Esta concepção conflita com o ideal da criança *pura*, fundado pela (e fundador da) educação moderna, *adaptativa*: o *professor-libertino*, que toma a educação como *iniciação numa sensibilidade*, vai no sentido oposto à neutralização afetiva visada por esse nosso ideal moderno da infância. Mas abre um campo extremamente fértil para os professores que hoje assistem sua impotência crescer, passando das "dificuldades de aprendizagem" para a violência, as drogas e as gangues cada vez mais precoces. Por ser fecundante, a *arte de educar* é também indispensável.

Palavras Chaves: Psicanálise e educação, o inconsciente na educação, a psicanálise e a escola



Using psychoanalysis (Laplanche, Bleichmar, Mezan, Mjolla, Kaës, Winnicott) as an instrument, an "instructed style of research" (Peter Gay), the author treats this fundamental piece of the educational system that is the teacher and his passion to form, that makes him a seducer and a chef. She also treats the identity of the professor that the adaptive thesis obfuscates and, with it, all the potential of the art of educating that the Greeks knew so well how to explore through their paidéia. This conception conflicts with the ideal of a pure child, founded by (and founder of) adaptative modern education: the libertine professor who treats education as an initiation in sensitivity; it goes in the direction opposed to the affective neutralisation aimed at by our modern ideal of infancy. But it opens an extremely fertile land for professors who watch their impotency grow each day, from learning difficulties" to violence, drugs, and gangs progressively more dangerous. Being fecund, the art of education is also indispensable.

Key words: Psychoanalysis and education, the unconscious in education, psychoanalysis and schooling

Do Banquete Pagão ao Ágape Cri stão

Psi canál i se e Educação

Marcia Simões
Corrêa Neder
Bacha

Doutora em Psicologia
Clínica/Psicanálise pela PUC-SP
e professora de psicologia do
DCH-CCHS da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul

Em *O interesse educacional da psicanálise* (1913) Freud afirmava que a descoberta da sexualidade infantil teria um "máximo interesse" para a "teoria da educação," porque

"somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las e nós, pessoas adultas, não podemos entender as crianças porque não mais entendemos a nossa própria infância. Nossa amnésia infantil prova que nos tornamos estranhos à nossa infância. A psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância. Todos os esforços anteriores nesse sentido foram, no mais alto grau, incompletos e enganadores por menosprezarem inteiramente o fator inestimavelmente importante da sexualidade em suas manifestações físicas e mentais (224/225).

Nesta época Freud acreditava que o acesso dos educadores às descobertas da psicanálise poderia impedi-los de tentar suprimir pela força os "impulsos instintivos socialmente impréstáveis ou perversos que surgem nas crianças", o "que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro". A psicanálise tem observado "o papel desempenhado pela severidade inoportuna e sem discernimento da educação na produção de neuroses, ou o preço, em perda de eficiência e capacidade de prazer, que tem de ser pago pela normalidade na qual o educador insiste" (225/226).

Aproximando a psicanálise de outras teorias *psi*, que também caracterizam a educação como uma prática essencialmente adaptativa, Freud definiu-a como adaptação das pulsões ao social. O mesmo fez Piaget, para só mencionarmos aqui a outra das aborda-

gens psicológicas também consagrada pela tradição: a educação é adaptação (*assimilação e acomodação*) do organismo ao meio (cf. Bacha, 1996).

A apropriação, pela educação, da descoberta psicanalítica a que Freud se referiu acima (a sexualidade infantil), sob a forma de uma teoria do "desenvolvimento psicosssexual" da criança, sugere que a psicanálise apenas prolongaria a visão que a educação contemporânea tem de si. Seria este, ou, seria apenas este o "máximo interesse", para a educação, da descoberta psicanalítica da sexualidade infantil?

Mestre-cuca, mestre-sedutor

A educação emerge da Antiguidade tecida por uma trama simbólica sobre as mesas dos *banquetes*: para os antigos, a palavra educação significava alimento, como nos lembra Rousseau no seu *Emílio ou da Educação* (1973, p. 16).

Jaeger escreve o mesmo na *Paidéia* (1989): *educação e nutrição* foram e continuam sendo até hoje "termos gêmeos". Na verdade, *trigêmeos*, se considerarmos que esse local pedagógico por excelência que eram os *banquetes* festejavam a união de *eros e paidéia*. Esta seria a idéia central do Banquete platônico. São eróticos os laços que unem o mestre e o discípulo. E, se esquecemos tão facilmente o aspecto erótico deste impulso educador, isso se deve, segundo Jaeger, "à sua apaixonada gravidade moral" (p. 545 e 905).

Marrou escreveu que educação, entre os gregos, eram as relações eróticas que "uniam um espírito jovem a um mais velho - que era, ao mesmo tempo, seu modelo, seu guia, seu iniciador": para um antigo, o amor é "essencialmente educativo" (Marrou, 1969, p. 57).

A psicanálise descobriu que é como um pequeno antropófago que o humano vem ao mundo, canibalizando o seio que o alimenta: "o canibal ama tanto o seu próximo, que o come - e não come senão aquilo que ama" (André Green *apud* Sant'Anna, p. 7). Na "fase oral ou canibal", amar e comer estão unidos; ou, prazer sexual e ingestão de alimentos são o mesmo (Freud, *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*).

A razão piagetiana não é menos antropofágica: através das *invariantes funcionais* (*assimilação e acomodação*) a inteligência incorpora o alimento, tritura-o e metaboliza-o ao modo idêntico do aparelho digestivo. Pensar é praticar a deglutição intelectual.

"Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente" (*Manifesto*

Antropófago). São essas as palavras iniciais do banquete que Oswald de Andrade oferece a nossa devoração.

Sua reconstrução antropofágica da cultura reúne as três significações que, segundo a psicanálise estão presentes na *incorporação*: "obter um prazer fazendo penetrar um objeto em si; destruir esse objeto; assimilar as qualidades desse objeto conservando-o dentro de si" (Laplanche-Pontalis: *Vocabulário de Psicanálise*).

A incorporação oswaldiana da cultura faz nascer o *tupi*. Do mesmo modo a canibalização infantil (do seio) dá lugar a um *bebê*: uma das "teorias sexuais infantis", segundo Freud em *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908), associa a incorporação oral à concepção de uma criança, constituindo-se como uma das soluções para o "primeiro enigma" com o qual se defronta o ser humano ("De onde vêm os bebês?").

O seio incorporado suscitará "um trabalho de 'ligação' disto - um significante enigmático - que acaba de adentrar seu universo psíquico". O efeito desta *sedução originária* é "o surgimento de um sujeito psíquico através do enigma a ser decifrado", ou, do "trabalho de assimilação e de tradução" destas mensagens adultas "impregnadas de significações inconscientes de natureza sexual" (Mézan, 1992, p. 34 e 35).

Na *sedução originária*, que é distinta da *infantil* e da *precoces*, não há necessariamente contato físico: nela se incluem "situações, comunicações, que em nada dependem do 'ataque sexual'. O *enigma*, aquele cujo móvel é inconsciente, é *sedução por si mesmo*" (Laplanche, 1992, p. 136).

Em *A Sombra de Don Juan: A Sedução como Mentira e como Iniciação* Renato Mézan analisa os vários aspectos da sedução, que alinha inicialmente numa face ética e numa face estética. O aspecto ético "remete ao domínio de um indivíduo sobre outro", mas o aspecto estético "implica o despertar ou o refinar de uma sensibilidade". "Mbarta lido por Kierkegaard opera um deslocamento considerável na idéia de sedução", que aparece "como forma de existir da sensualidade", aproximando-se "de modo inesperado do território do psicanalista": em um como no outro a sedução é vinculada estreitamente à sexualidade de "fora do contexto moral" (Mézan, p. 26 e 28).

Em sua *face estética* a sedução é prazer extremo, deleite, algo que não vai retirar nada do seduzido, mas ao contrário lhe acrescentar alguma coisa. O sedutor é neste momento aquele ou aquilo que toca fibras sensíveis, que desperta no outro sensações de raro matiz, emoções até então ignoradas; o sedutor acaricia com suavidade, faz com

que o seduzido descubra dimensões da própria experiência que sequer suspeita ser capaz de vivenciar (Mèzan, 1990, p. 20).

O professor apaixonado pelo que faz revela esta dimensão estética da educação na qual ele emerge como um *artista*: inoculando *eros*, ele *acrescenta* alguma coisa no aprendiz, tal como faz *Don Juan* com as mulheres "com quem se deita" (Mèzan, p. 27). O mestre seduz na medida em que sua arte inicia o discípulo em sua própria sensibilidade, despertando-lhe sensações e emoções ignoradas. Arte *culinária*, a do nosso *mestre-cuca*, capaz de preparar uma *feita de Babette* mesmo que seus alunos apenas queiram incorporar *fast food* e *pf* (prato feito), ou só mesmo *merenda escolar*.

Para Winnicott o que importa na alimentação, assim como na aprendizagem, é a capacidade de usar objetos - capacidade que, para ele, é o mesmo que *criatividade*. Ser criativo é ter capacidade de usar criativamente aquilo que a cultura oferece. O professor inclusive.

Segundo este psicanalista, só se pode ser *criativo* na brincadeira - o que vale para a criança e para o adulto. *Brincar* é criar a *ilusão* que confunde as realidades "interna" e "externa (compartilhada) de mestre e discípulo. Mais do que propor brincadeiras, trata-se aqui do mestre se deixar *usar como um objeto*, prestando-se, ele próprio (isto é, seus ensinamentos) ao papel de *brinquedo*.

Realidade compartilhada, "espaço intermediário" entre eu e o outro, campo da ilusão e dos "fenômenos transicionais", "filho imaginário" (C Stein/R. Mèzan), *tupi* (O de Andrade) que faz triunfar contra a separação e traz um prazer narcísico. É neste espaço que se localiza o brincar - ou, o viver. Para Winnicott (1975) viver normalmente, isto é, viver sem a doença, é brincar.

Brincar é uma palavra que expressa também o ato sexual, e é este o emprego que lhe dá Mário de Andrade em *Macunaima*. *O herói sem nenhum caráter*, que às vezes "brinca sem vontade, apenas para não desmentir a fama":

"E os dois brincavam que mais brincavam num deboche de ardor prodigioso. Mas eram nas noites de insônia que o gôzo inventava mais (...) Macunaima dava um safanão na rede atirando O longe. Ela acordava feito fúria e crescia para cima dele. Brincavam assim. E agora despertados inteiramente pelo gôzo inventavam artes novas de brincar" (Andrade, M, 30).

A fertilidade da educação está no brincar. Que nossas escolas restrinjam. E, com ele o prazer -prazer de comer e de alimentar, prazer de criar e de procriar. Prazer do aluno e do

professor que, em troca, são submetidos à lei religiosa que está na base da fundação da educação moderna pelos jesuítas. Prazer que tem sido milimetricamente bombardeado na escola pelo senso do dever, da obrigação e do respeito à autoridade, fazendo com que seus personagens sofram em escolas-conventos. Interditado o prazer, impõe-se a "educação como sacerdócio", no qual o professor é um padre, um missionário que deve espalhar a Palavra Sagrada (o Conhecimento) e suportar com resignação todas as injúrias e ofensas que cairão sobre si.

Sacerdote ele o é, se a essa palavra atribuímos o sentido que lhe dá sua etimologia, segundo Oswald de Andrade em *A crise da filosofia messiânica*:

Sacerdócio quer dizer ócio consagrado aos deuses. O ócio não é esse pecado que farisaicamente se aponta como a mãe de todos os vícios. Ao contrário, Aristóteles atribui o progresso das ciências no Egito ao ócio concedido aos pesquisadores e aos homens de pensamento e de estudo. A palavra ócio em grego é *scholè*, donde se deriva escola (Andrade, 1972b, p. 82)..

Longe de submeter-se à lei religiosa que interdita o prazer na escola, o professor apaixonado pelo que faz a subverte, afirmando, como o *libertino*, "o prazer como único fim diante de qualquer valor" (Paz, 1994, p. 24). Inverte a orientação traçada há séculos para esse terreno e que faz a obrigação substituir o prazer introduzindo na escola o prazer como obrigação e condição da sua ação.

É preciso lembrar a irmandade siamesa originária, secular e poderosa, entre a educação e os jesuítas, para que o caráter transgressor de uma tal identidade não termine impedindo o seu reconhecimento por nossas teorizações.

Limitando a fertilidade da educação, nós a tomamos mera *adaptação*, submissão à realidade externa, "onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como "algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação" (Winnicott, 1975, p. 80 e p. 95).

Escola: purificação da criança

Tanto a Psicologia quanto a Pedagogia situam a escola como uma agência de adaptação, de socialização e de integração da criança no mundo adulto. Para Ariès, no entanto, escolarização é o nome que se dá ao processo de enclausuramento das crianças, como

dos loucos, dos pobres e das prostitutas (1975, p. 165).

A escola moderna, que emergiu nos séculos XVI e XVII surge e se consolida como instrumento de *exclusão* da criança: longe de integrá-la no mundo adulto onde, aliás, ela já estava muito bem integrada - a escola surge como lugar de confinamento da infância, como meio de isolar a criança, de separá-la da sociedade dos adultos. E, portanto, de *instituição* da infância.

Mais exatamente, da infância *inocente* - aquela cuja sexualidade inconsciente Freud *descobriria* alguns séculos depois. Pedagogos e moralistas da época clássica originária da escola moderna empreenderam verdadeira "cruzada" (Gay) purificadora. A expansão das escolas para fora do âmbito clerical se dá nesse contexto de proteção da inocência da criança, ocupando um lugar estratégico na neutralização sexual e na instituição da criança inocente. Por ela já clamava Gerson no princípio do século XV, queixando-se dos "contatos físicos das crianças", e das

peessoas imorais 'que têm prazer, pelas suas palavras e pelos seus atos, em levar as crianças ao pecado, quando estas deveriam ser puras como anjos'. A esse respeito evocava, sobretudo, o hábito dos pais e dos criados de palpar em, acariciar em e excitarem o corpo ou o sexo da criança (Ussel, p. 135).

Três séculos adiante Rousseau (*Émile* - 1762), dentre muitos outros, seguirá reprovando a educação familiar por destruir a inocência que deveria ser preservada. Para ele a criança devia ser "assexuada", isto é, não devia sentir-se pertencendo a um sexo. A educação devia ser "anti ou assexual" (Ussel, p. 122/123).

A escolarização da infância instituiu a criança inocente. E neste sentido poderíamos dizê-la uma *reedição da cena primária*: a escolarização da infância reedita a cena primária, confrontando a criança com a sua exclusão do universo adulto da sexualidade dos pais e buscando torná-la o objeto da projeção de um ideal: a criança *pura*.

Quais poderiam ser os meios escolares para instituir a criança pura? Como a escola poderia impor este ideal de inocência?

Peter Gay em *A educação dos sentidos. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*, que abrange os séculos XVIII e XIX, multiplica testemunhos das brutais e massivas investidas dos adultos contra a sexualidade infantil e adolescente. Devemos ressaltar, no entanto, que a tentativa adulta de realização do seu ideal da criança pura não incluiu apenas medidas "sá-

licas" (Renê Spitz) "para evitar que os pecadores infantis ou adolescentes tivessem acesso a seus corpos". Em sua "cruzada antimasturbatória" os médicos recomendavam, por exemplo, "uma supervisão atenta e constante - pois somente uma pessoa deixada sozinha pode abusar de si mesma" (221/222).

Mais sugestiva ainda é a prescrição do dr. Miller em 1867. Esse médico de Nova York que já se referia à sexualidade infantil (três décadas antes de Freud) no seu *Treatise on the Causes of Exhausted Vitality* (Tratado sobre as causas da exaustão da vitalidade), prescrevia, como "eminentemente útil", "*preencher*" as mentes das crianças "com idéias puras a fim de combater a tentação das perniciosas; fornecer-lhes bons livros" rejeitando "enfaticamente os métodos mais drásticos" (221).

Como não reconhecer o programa da Escola nesta prescrição do dr. Miller visando a prevenir a masturbação? Em outros termos: a instituição da criança pura não lançou mão apenas da *repressão* aos livros e a todas as artes sempre que suspeitas de serem estimulantes do "vício solitário"; ela também cuidou de prescrever uma vigilância constante; *bons livros* - que eram aqueles que não tinham qualquer poder de sedução, não podendo provocar no leitor "pensamentos impuros, e talvez atos impuros" (Gay, p. 288) - enfim, uma *vida escolar*.

Aprendemos com a psicanálise a ver nos feitos humanos um pouco além de sua aparência: as coisas são aquilo que parecem, mas são também o que não parecem. A escola, essa instituição humana, social e historicamente datada, tal como a conhecemos hoje, emerge nesse contexto da repressão à sexualidade infantil e adolescente. E as medidas pedagógicas que se introduzem na escola entre aluno e professor, situadas neste contexto, revelam-se como tentativas de neutralizar a sensualidade - da criança, mas também do professor: a cientificação da atividade pedagógica, para a qual a psicologia tem emprestado a sua colaboração decisiva; a dessexualização da atividade intelectual; a ênfase nos aspectos intelectuais e sociais da aprendizagem, obtida graças à introdução de inúmeros métodos de aprendizagem e farto material pedagógico entre a criança e o adulto e pela qual a aprendizagem passa a ser atribuída a métodos adequados e dela desaparece a dinâmica pulsional-afetiva dos alunos e dos professores - para reaparecer apenas na abordagem de suas dificuldades.

Como os *bons livros* prescritos pelo dr. Miller, os livros didáticos preenchem as crianças com idéias *puras*, abstratas (abstraídas de suas vi-

das), sem qualquer poder de seduzir, de provocar pensamentos "impuros", de despertar sua sensualidade. Já não surpreende a dimensão *idealizada* pela qual surgem as *matérias escolares*; *idealização* que funciona como barreira para o pensamento, inibindo-o, ou, veiculando aquelas dificuldades de aprendizagem que o profissional psi será encarregado de tratar. Na modernidade escolar as idéias (puras) têm por função evitar a emergência da sexualidade, neutralizar a sensibilidade.

A educação caminhou do *banquete* grego, para o *ágape* cristão¹, no qual os conhecimentos já não são alimento do *espírito*. São alimentos da *alma*. As medidas pedagógicas protegem a criança dos afetos do adulto (sedutor) neutralizando a sedução, mas estreitam a educação na *adaptação*.

A essência da educação moderna é a realização do ideal de pureza infantil. Nesse contexto a escola aparece como uma investida do

adulto sobre crianças e adolescentes no sentido de realizar este seu ideal.

Penetrando nos santuários destinados à infância pela modernidade, o professor libertino viola a interdição que pesa sobre nossas escolas-conventos, que guardam, nos seus duros bancos de madeira, nas paredes nuas de suas salas trancadas, nas suas instalações na sua arquitetura, os "gritos de crianças supliciadas" de Montaigne (Marrou, 1969, p. 420). Mesmo que não o saiba, é este sistema de clausura com seu voto de pobreza, que o professor ameaça ao oferecer-se na escola como parceiro para "brincar" com o outro de modo a que, juntos, criem o "filho imaginário".

Trabalhando a educação no sentido de iniciação numa sensibilidade, o professor libertino vai no sentido oposto à neutralização afetiva visada por este nosso ideal moderno, empurrando e ampliando os limites que este ideal impõe à educação contemporânea.

¹ A religião cristã atualizou o mito da antropofagia: os primeiros cristãos fizeram do comer um ritual, incorporando uma refeição conhecida como *ágape* ou *feita do amor* (Sant'Anna, 1985, p. 129/130).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M: *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. SP: Martins Editora, 1970
- ANDRADE, Q O Manifesto Antropófago. In: Do pau-brasil à Antropofagia e às utopias, Obras Completas, Vol. VI, RJ: Civilização Brasileira, 1972a
- ANDRADE, Q A Crise da Filosofia Messiânica. In: *Do pau-brasil à Antropofagia e às utopias*, Obras Completas, Vol. VI, RJ: Civilização Brasileira, 1972b
- ARIES, P *História Social da Criança e da Família*. RJ: Zahar Ed., 1975
- BACHA, M *Psicanálise e Educação*. Laços Refeitos. Tese de Doutorado, 1996
- FREUD, S. (1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. SB, RJ: Imago, 1980, v. VII
- FREUD, S. (1908). *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*. SB, RJ: Imago, 1980, v. IX
- FREUD, S. (1913). *O Interesse Educacional da Psicanálise*. SB, RJ: Imago, 1980, v. XIII
- GAY, P: *A Educação dos Sentidos*. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud, SP: Companhia das Letras, 1988
- JAEGGER, W *Paidéia*. A formação do Homem Grego. SP: Martins Fontes, 1989
- LAPLANCHE, J. *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. SP: Martins Fontes, 1992
- LAPLANCHE, J./PONTALIS, J.-B.: *Vocabulário da Psicanálise*, SP: Martins Fontes, 1979
- MARROU, H.-I: *História da Educação na Antigüidade*. SP: Ed. Herder e Ed. USP, 1969
- MEZAN, R. *Freud, Pensador da Cultura*. SP: Brasiliense/CNPQ 1985
- MEZAN, R. *A Sombra de Don Juan e outros Ensaio*s. SP: Brasiliense, 1993
- PAZ, Q *A dupla chama*. Amor e Erotismo. SP: Siciliano, 1994.
- ROUSSEAU, J.-J *Emílio ou da Educação*. SP: Difusão Européia do livro, 1973.
- SANT'ANNA, A. R. *O Canibalismo Amoroso*. O desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. SP: Brasiliense, 1985.
- USSEL, J. Van. *Repressão Sexual*, RJ: Ed. Campus, 1980
- WANNICOTT, D. W *O Brincar e a Realidade*, RJ: Imago Editora, 1975